

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO

LETRAS E IMPRESSÕES DA GERAÇÃO 80

A repercussão do rock brasileiro dos anos 80 na mídia impressa

Immanuela Abreu d'Oliveira

Rio de Janeiro
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO

LETRAS E IMPRESSÕES DA GERAÇÃO 80

A repercussão do rock brasileiro dos anos 80 na mídia impressa

Immanuela Abreu d'Oliveira

Orientador: Fernando Mansur

Rio de Janeiro
2006

LETRAS E IMPRESSÕES DA GERAÇÃO 80

A repercussão do rock brasileiro dos anos 80 na mídia impressa

Immanuela Abreu d'Oliveira

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharelado.

Aprovado por:

Orientador: Fernando Mansur, Doutor em Comunicação – ECO/UFRJ

Ana Paula Goulart Ribeiro, Doutora em Comunicação – ECO/UFRJ

Paulo Roberto Pires, Mestre em Comunicação – ECO/UFRJ

Data: ____/____/2006.

Nota: _____

Rio de Janeiro

2006

d'Oliveira, Immanuela Abreu

Letras e impressões da Geração 80 – a repercussão do rock brasileiro dos anos 80 na mídia impressa.

Orientador: Prof. Fernando Mansur. Rio de Janeiro; ECO/UFRJ: 2006.

Projeto Experimental de Jornalismo - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação, 2006.

1. Grupos de rock – Brasil 2. Rock – Brasil – História e crítica 3. Imprensa – História – Brasil 4. Jornalismo – Brasil – História I. Mansur, Fernando (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais e meu irmão, por me apoiarem sempre em minhas decisões, mesmo quando elas sacrificavam os encontros de família.

À minha prima Sandra pela parceria, amizade, o dom da comunicação, o gosto pelas letras e pela música (principalmente o rock brasileiro dos anos 80!), os livros e a idéia de cursar jornalismo.

Aos meus tios Arnaldo e Mirtes por acompanharem toda a minha vida acadêmica, desde as festas juninas do primário até os dias de hoje.

Ao meu namorado, pela compreensão, o apoio incondicional e o amor imensurável. Obrigada por me acompanhar, me ouvir e me incentivar sempre!

Aos meus amigos (sem citar nomes!) pelas revisões, idas à Biblioteca Nacional, troca de conhecimentos intensas no meio da madrugada e incentivos constantes. Jamais conseguiria terminar este projeto se não fosse por suas ajudas.

Ao meu orientador, Fernando Mansur, por permitir que minha mente corresse solta e meu texto fluísse sem problemas. Valeu pelas idéias, ensinamentos musicais e pela experiência!

À Angélica Nascimento pelos contatos, idéias, conselhos e apoio durante a confecção deste trabalho. E a toda a equipe do Portal do Voluntário, pela compreensão, a amizade e todo o tempo de aprendizados e ensinamentos.

A todos os entrevistados deste projeto, pela simpatia com que me receberam e a boa vontade com que responderam todas as minhas infinitas perguntas.

E a Deus, por me dar forças sempre para continuar, mesmo em situações adversas.

d'Oliveira, Immanuela Abreu. **Letras e impressões da Geração 80**: a repercussão do rock brasileiro dos anos 80 na mídia impressa. Orientador: Fernando Mansur. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006. Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estabelecer um paralelo entre a história do rock brasileiro dos anos 80 e a sua repercussão na mídia impressa, por meio da análise de veículos de comunicação da época e entrevistas com personagens que participaram desta história. Pretende-se estabelecer uma linha do tempo, ressaltando como a história da música brasileira levou ao surgimento do rock nacional, no início da década de 80, como os formadores de opinião o receberam e como este estilo se consagrou durante o festival Rock in Rio, em 1985. Além disso, este trabalho tem como objetivo evidenciar o histórico das principais bandas do período e como as mesmas foram recebidas pela mídia especializada ou não. E lembrar quais foram os principais jornalistas e meios de comunicação a apoiar, criticar e discutir este movimento que estava crescendo e aparecendo no Brasil. Com este estudo, mostra-se o papel da mídia impressa como de suma importância para a formação de opiniões entre a população, inclusive no que diz respeito a seu gosto musical.

d'Oliveira, Immanuela Abreu. **Lyrics and impressions on the brazilian rock of 80's Generation.** Advisor: Fernando Mansur. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006. Final Paper (Graduation in Social Communication – Qualification in Journalism – School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro).

ABSTRACT

The purpose of this work is to establish a paralel between the history of Brazillian rock back in the 80's and its repercussion in the press media, through the analysis of the means of communication at that time and interviews with people that took part of that history. It is intended to establish a time line, highlighting the way Brazilian music history led to the appearance of national rock, at the beginning of the 80's, how the media evaluated that and how this style was crowned at the Rock in Rio festival in 1985. Besides, the goal of this research is to evidence the history of some rock groups that were formed during the early 80's and how they were accepted by the specialized or non specialized media. Also, remember who the main journalists and means of communication were, supporting, criticizing and discussing this movement that was growing and appearing in Brazil. With this study, the role of the Press is shown as essential to open discussions among the population, including its opinion about music.

SÚMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	BREVE HISTÓRICO DO POP ROCK BRASILEIRO	5
3	AMBIENTAÇÃO	12
	3.1 GUIA PRÁTICO DO ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 80	12
	3.2 JORNALISMO MUSICAL.....	15
4	O ROCK NA MÍDIA	18
5	ENQUANTO ISSO, AS BANDAS CONQUISTAVAM SEU ESPAÇO	27
6	A CONSAGRAÇÃO: ROCK IN RIO	35
7	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A história de cada geração é marcada por diversos fatores: sua música, seus costumes, sua moda, os fatos históricos, a economia, a política etc. Mas desde que a imprensa foi instituída no Brasil, ela também passou a ser um fato importante na história de cada geração, se não como personagem, talvez como a verdadeira contadora da história. Isto porque a imprensa está encarregada de retratar tudo o que acontece com o povo e o país como um todo.

Mas a imprensa não somente conta a história. Ela também participa, como formadora de opiniões, divulgadora dos movimentos que surgem e, de certa forma, responsável pelo que faz ou não sucesso.

O poder da mídia é fato incontestável. Cair nas graças dela é o sonho de todo artista em início de carreira, e ser citado por jornais e revistas pode estabelecer uma carreira de sucesso.

Com as bandas de rock do início da década de 80 não era diferente. Só que aqueles jovens, em sua maioria de classe média, queriam apenas se expressar e “aparecer” de alguma forma entre seus amigos, além de querer fazer parte daquele movimento que estava começando.

Aliás, eles sequer tinham a noção de que estava surgindo um movimento. Eram jovens que se inspiravam no rock internacional, na chamada *new wave* e no punk rock britânico para fazer sua música, mas nem paravam para pensar o quanto outros grupos estavam pensando de forma bastante semelhante a deles.

A verdade é que o Brasil esperava há tempos por um rock genuinamente brasileiro. O estudo de como este surgiu e se tornou um sucesso, ao cair nas graças da imprensa, é essencial para a história da comunicação brasileira, como prova do poder de nossa mídia em formar opiniões e fortalecer ou enfraquecer movimentos culturais. E também para mostrar como esta geração foi capaz de influenciar na música atual.

A idéia deste trabalho surgiu pela simples admiração pela geração do rock brasileiro dos anos 80. Hoje, ela é representada por nomes ainda conhecidos e que ainda fazem sucesso – como Paralamas do Sucesso, Kid Abelha e Capital Inicial – e está presente na maioria das influências dos grupos mais novos. Esse fenômeno certamente não seria possível sem a contribuição de rádios como a Fluminense FM e a Cidade FM. Tais rádios foram fundamentais para que o rock nacional conquistasse seu espaço, principalmente no Rio de Janeiro.

A mídia impressa, por sua vez, tem papel essencial na formação de qualquer fato histórico ou movimento. Ela, de certa forma, define a importância e a relevância que este fato e/ou movimento terá para a sociedade. Este projeto pretende contar parte da história dessa geração, por meio da visão das rádios e de quem trabalha (ou trabalhava) nesse meio, e dos jornais e revistas que retrataram este momento, mencionando seus sobreviventes, os mortos e os feridos.

O enfoque deste trabalho é principalmente os grupos de rock surgidos no Rio de Janeiro, mas a movimentação que estava ocorrendo simultaneamente em outros estados também foi abordada.

Além disso, foi escolhido um período para delimitar o trabalho. O rock brasileiro marcou toda a década de 80, mas este trabalho se limita a estudar seu surgimento e sua consolidação até a sua consagração, ocorrida com o festival Rock in Rio, em 1985.

Este estudo se baseia em consultas à bibliografia existente sobre a década e sobre o movimento em questão. Desta forma, foi feita uma pesquisa em livros que discursam não só sobre o rock brasileiro dos anos 80 em si, mas também sobre a música brasileira como um todo, o comportamento dos jovens desta década e a história de cada um dos grupos musicais citados.

Depois deste embasamento teórico, fez-se necessário examinar os periódicos da época. Além dos principais meios de comunicação, como os jornais O Globo, Folha de

São Paulo e Jornal do Brasil, principalmente em seus cadernos de cultura, as revistas especializadas em rock também foram consultadas, como Roll, SomTrês e Bizz.

O último passo foi entrevistar participantes ativos deste “movimento”. Foram feitas várias consultas a jornalistas atuantes em meios de comunicação na época, como Jamari França, um dos principais defensores dos músicos desta época, e autores responsáveis por publicações sobre o assunto, como Arthur Dapieve (autor do livro BRock – O rock brasileiro dos anos 80). Além disso, foram feitas entrevistas com músicos das bandas que marcaram esta época, como os rapazes do João Penca & Seus Miquinhos Amestrados. E por último, conversas com pessoas que participaram de fora deste movimento, como fãs, amigos ou simplesmente admiradores dos grupos.

O primeiro capítulo conta a história do pop rock no Brasil. Desde os primórdios, na década de 50, com os “roqueiros” arrumadinhos e sempre bem vistos, até o surgimento do tão esperado rock brasileiro no início dos anos 80, passando pelo surgimento da Bossa Nova, da Tropicália, dos Mutantes, entre outros.

O segundo capítulo consiste em uma ambientação, antes de entrar de vez na história do rock brasileiro dos anos 80. É dividido em duas partes: a primeira é um guia das principais bandas e cantores de rock que fizeram sucesso durante esta década; a segunda parte é um breve histórico da música como pauta na imprensa brasileira, além de ressaltar quais os principais meios de comunicação especializados em rock nos anos 80, com um resumo da história de cada um.

A terceira parte deste trabalho é sobre o rock na mídia. Os grupos deste gênero estavam começando a aparecer no Brasil e a imprensa estava começando a citá-los, ainda de forma tímida e pouco opinativa. Aqui, o papel da imprensa na repercussão e no sucesso do rock brasileiro começa a ser estabelecido, mas o estilo só conquistaria o país com o surgimento da Blitz, no Rio de Janeiro.

Em seguida, as bandas começam a aparecer. O quarto capítulo trata do grande *boom* ocorrido depois do surgimento e do sucesso estrondoso obtido pela Blitz. De

repente, as gravadoras começaram a buscar bandas que pudessem repetir a fórmula e o sucesso da banda. Diversos grupos estavam conseguindo espaço na mídia, especializada ou não, e os jornais acolheram o movimento, com críticas, defesas e polêmicas. Muitas polêmicas.

Por último, a grande consagração do rock brasileiro dos anos 80: o festival Rock in Rio, ocorrido em 1985. Neste quinto capítulo é contada a história deste festival – como ele surgiu desacreditado, no primeiro semestre de 1984, e como foi ganhando força durante este ano, até o sucesso em janeiro de 1985. Depois dele, a música brasileira jamais foi a mesma. Que dirá o rock!

2 BREVE HISTÓRICO DO POP ROCK BRASILEIRO

Toda história tem um começo e não dá para falar sobre uma época sem explicar como ela se estabeleceu, como se construiu e o que a precedeu. A seguir, uma pincelada na história do pop rock brasileiro.

O começo da história do rock foi em 1950, nos Estados Unidos, com um rapaz chamado Bill Halley e seu grupo, The Saddlemen. Eles misturavam o jazz com uma música rural que, aos poucos, foi recebendo umas doses de blues, passando a ser chamado de *rhythm and blues*. Ainda neste ano, eles gravaram “Rocket 88” e “Rock the joint”, primeiro registro discográfico de rock que se tem notícia. Não é à toa que o autor do livro “História da música: da Idade da Pedra à Idade do Rock”, Valdir Montanari, considera o rock, um filho bastardo do jazz. O autor diz:

Para todos os efeitos, o *rock and roll* é considerado como uma evolução natural do *blues* e do *rhythm and blues*. E foi no início dos anos cinquenta que surgiram outros nomes que ajudaram Halley a sedimentar o rock: Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lewis, Elvis Presley e outros¹.

Chuck Berry foi um dos nomes mais importantes para a consolidação da guitarra como instrumento-chave do rock e um forte candidato ao título “rei do rock” (que perdeu para Elvis). Little Richard surpreendeu os mais conservadores com seu visual extravagante. Mas marcou a história do ritmo com o primeiro verso da música “Tutti frutti”: “a wop bop a loo bop/a lop bam boom”. Já Elvis Presley é considerado por Montanari como o primeiro exemplar de ídolo pré-fabricado da história da música pop. Tudo a ver com o *boom* do rock no Brasil. Mas ainda não está na hora de desembarcamos em terras tupiniquins.

Em 1955, os Saddlemen mudaram de nome para Bill Halley and the Comets e gravaram a música que se tornou o hino internacional do *rock and roll*: “Rock around the clock”, que fez parte da trilha sonora do filme “Blackboard jungle” (“Sementes da violência”, no Brasil). Esta foi a primeira música de rock a ser gravada no Brasil,

¹ MONTANARI, 1993, p. 63

devidamente traduzida. Neste mesmo ano, em 24 de outubro, a cantora Nora Ney, uma cantora de músicas românticas, grava “Ronda das horas”, versão de “Rock around the clock”, de Max C. Freedman e Jimmy de Knight.

Apenas em 1957 surge o primeiro rock totalmente *made in Brazil*: “Rock and roll em Copacabana”, de Miguel Gustavo, interpretada por Cauby Peixoto. Aos poucos, as rádios foram começando a prestar atenção no ritmo que estava surgindo e em 1959, os irmãos Campello tornam-se os primeiros astros do rock brasileiro. Celly Campello faz sucesso com a gravação de “Estúpido cupido” (versão de “Stupid cupid”, de Neil Sedaka e H. Greenfield). Seus sucessos seguintes são “Broto legal” e “Banho de lua”. Seu irmão Tony emplacou “Boogie do bebê” e “Pertinho do mar”.

No rastro dos irmãos, vão surgindo diversos ídolos jovens, que alcançam a fama da noite para o dia, com a ajuda do rádio e da TV. Em 1961, o cantor Sérgio Murilo (o “rei do rock”, o “Elvis brasileiro”) faz sucesso com a música “Marcianita”. Junto dele, Ed Wilson, Demetrius e Ronnie Cord ocupavam o posto de “juventude transviada”, que era até comportada demais. Em 62, Ronnie Cord lançou um dos maiores *hits* desse período: “Rua Augusta”. Todos muito bem cuidados e muito bem comportados – eram os filhos, filhas, nora e/ou genro que toda mãe queria ter.

Arthur Dapieve dá a sua opinião sobre esses antecedentes do rock brasileiro:

“Roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido”, cantou Rita Lee. Mas os maus antecedentes do gênero no país não têm – ou melhor, não tinham – nenhuma ligação com aparências ou crimes. (...) Até os anos 80, a marginalidade do BRock era outra.²

Aos poucos, esta geração foi sendo substituída por outra, muito mais influenciada pelo *rock and roll* inglês do que pelo americano. Dessa leva, podemos citar diversos grupos, quase todos com nome em inglês: The Fevers, The Pops, Renato & Seus Blue Caps, The Clevers, The Sputniks. Foi deste último que se lançaram Erasmo Carlos, Tim

² DAPIEVE, 1995, p. 11

Maia e um amigo deles – Roberto Carlos. Em 62, Roberto e Erasmo Carlos iniciam parcerias que os levaram à fama: “Splish splash”, “Calhambeque”, “Festa de arromba”.

Estava declarado o início da Jovem Guarda, principalmente quando, em 1965, é lançado um programa com este mesmo nome, na TV Record, comandado por Roberto, Erasmo, Wanderléia, Renato & Seus Blue Caps, Martinha, Golden Boys e companhia.

A guitarra ocupava cada vez mais espaço dentro das músicas e as letras eram um tanto mais consistentes, falando de festa e carros. Roberto Carlos lança o sucesso “Quero que tudo vá para o inferno” e Renato & Seus Blue Caps lançam “Menina linda”. As meninas gritam, os meninos imitam, mas na mídia, o rock ainda era ouvido como um artigo importado e supérfluo.

Wanderléia lança o álbum “Tempo de amor”, que vira sensação com as músicas “Pare o casamento” e “Prova de fogo”. Ainda em 65, estréia em LP o grupo paulista Os Incríveis, um dos líderes da Jovem Guarda. Enquanto isso, o cantor Eduardo Araújo vira moda com o hit “O bom”.

Apenas no final da década de 60 que o rock dos Estados Unidos assume de vez o estigma que lhe coube por tabela: música de violência, de drogados. E no Brasil, a realidade é bem diferente dessa. Muito da visão ainda preconceituosa que o rock enfrentava tinha a ver com a situação que o país estava vivendo. No final dos anos 60, o que mais fazia parte da realidade musical brasileira eram os festivais; e neles, figuravam as canções de protesto, apresentadas por João Gilberto, Tom Jobim, Chico Buarque, Elis Regina, Jair Rodrigues, Geraldo Vandré etc.

A Bossa Nova reinava, e os primeiros a rejeitarem o rock, ao contrário do que se pode pensar, eram os universitários. Além de ser visto como um produto do imperialismo norte-americano, suas composições não davam conta dos movimentos pelos quais o país estava passando, e o rock passou a ser visto como “inimigo”, mesmo que com letras inocentes e inofensivas.

Em 1967, começa a surgir a terceira leva do rock brasileiro, no III Festival da TV Record. Caetano Veloso canta “Alegria, alegria” e Gilberto Gil canta “Domingo no parque”, junto com os Mutantes. Juntos, eles anunciam a Tropicália, que surgiu em um momento em que a música popular brasileira não via com bons olhos a mistura dos sons genuinamente nacionais com os importados.

Em 1968, sai o álbum “Tropicália” ou “Panis et circenses”, manifesto do movimento tropicalista. Sua essência podia não ser predominantemente rock, mas a postura era certamente roqueira. Mas para os puristas, Caetano Veloso e Gilberto Gil representavam uma grande decepção. E “os militares brasileiros já estavam começando a entender o componente subversivo do Tropicalismo”³ quando em dezembro, Caetano e Gil são presos; em seguida, exilam-se em Londres.

Enquanto isso, é lançado o primeiro LP dos Mutantes, formado por Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias Baptista. Montanari afirma:

Com os Mutantes, o rock brasileiro tomou outro rumo. Antes, era totalmente alienado e comercial, e comandado por cantores e artistas insossos demais, que entraram na corrente através do que se chamava de *Jovem Guarda*. Tendo cantores como Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléia e outros como seus principais defensores, a *Jovem Guarda* nunca passou de um movimento romanesco, com letrinhas sem fundamento, piores do que aquelas que os Beatles faziam no início da carreira. Os Mutantes, além de tecnicamente superiores, escreviam canções críticas, que chamavam a atenção da juventude para os principais acontecimentos da época. Eles acabaram abrindo uma frente de vanguarda no nosso rock (...)⁴

Os três discos gravados pelos Mutantes (“A divina comédia ou Ando meio desligado”, “Jardim elétrico” e “Mutantes e seus cometas no país dos Baurets”) comprovariam que o trio é o primeiro grupo de rock brasileiro. O trio se desfez em 1972, após o sucesso de “Mande um abraço pra velha”, composto pelos três, e do lançamento do álbum “Os Mutantes no país dos Baurets”.⁵

³ DAPIEVE, 1995, p. 15

⁴ MONTANARI, 1993, p.79

⁵ Os Mutantes reiniciaram uma turnê de shows em maio de 2006, num show em Londres, com Zélia Duncan ocupando o posto de Rita Lee. E já têm apresentações marcadas nos Estados Unidos para julho deste ano.

Enquanto isso...

- Em 70, Tim Maia faz sucesso nas rádios com “Primavera” e “Azul da cor do mar”, que estão em seu álbum de estréia.
- Zé Rodrix lança o hino do rock rural brasileiro, “Casa no campo” em 1971, e um tempo depois, forma o Sá, Rodrix & Guarabyra.
- “Preta, pretinha” e “Besta é tu” são os sucessos que lançam os Novos Baianos, grupo que inclui Baby do Brasil (na época, Baby Consuelo), Moraes Moreira e Pepeu Gomes. Estes *hits* estão no LP “Acabou chorare”.

No início dos anos 70, quem despontou foi Raul Seixas, que conquistou uma legião de fãs que prega devoção ao seu trabalho até hoje. Esse “patriarca” do rock saiu do lugar mais improvável: a Bahia. Graças à sua vizinhança (Raul era vizinho do consulado americano), ele se familiarizou com o rock desde muito cedo, o que era muito raro na época. O baiano cresceu ouvindo Bill Halley e Elvis Presley, e em 1959 ele já tinha uma banda, Os Panteras. Pouco tempo depois ele se mudou para o Rio de Janeiro, onde gravou seu primeiro disco, “Raulzito e os panteras”. O fracasso nas vendas quase o fez desistir da fama. Mas isso somente até 1971, quando ele voltou a gravar discos. Em 1972, participou do 7º Festival Internacional da Canção, com as músicas “Eu sou eu, Nicuri é o diabo” e “Let me sing, let me sing”.

Desde então, Raul Seixas passou a ser visto como um ponto de referência, “tanto para aqueles que insistiam em fazer rock’n’roll no Brasil quanto para aqueles que insistiam em ouvir no ritmo as trombetas do apocalipse musical local.”⁶ Em 1973, ele vira o maior ídolo roqueiro do país, com “Ouro de tolo”, “Al Capone”, “Metamorfose ambulante” e “Mosca na sopa”, do disco “Krig – Há Bandolo”. A partir de 74, já com Paulo Coelho como parceiro, Raul começou a emplacar *hits*, como “Gita”, “Tente outra vez”, “Eu

⁶ DAPIEVE, 1995, p. 19

nasci há 10 mil anos atrás” etc. Aos poucos, sua saúde e o consumo de drogas e bebidas passaram a influenciar em seu sucesso, até que em 1989, Raul Seixas morreu.

Outros grupos marcaram a década de 70, sendo que um dos mais significativos foi o Secos & Molhados. Composto por Ney Matogrosso, Gerson Conrad e João Ricardo, o grupo durou pouco mais de dois anos, mas fez história. Seu primeiro LP, “Secos & Molhados”, vendeu 700 mil cópias, e eles quase repetiram o feito com o segundo. O visual andrógino, a maquiagem agressiva, a expressão sensual do corpo de Ney Matogrosso, aliados aos arranjos simples, projetaram o Secos & Molhados como a grande novidade pop do começo da década. Por conta de desentendimentos internos, o grupo foi desfeito em 1974.

Do ponto de vista histórico-musical, a Tropicália foi um divisor de águas. Depois dela, a MPB saiu da redoma e o pop rock nacional ganhou asas. Segundo Arthur Dapieve,

No final dos anos 70, o BRock era aguardado como se aguarda um messias. Bastava um grupo acima da média, melhorzinho, pôr a cabeça pra fora que logo os roqueiros brasileiros saíam em peregrinação, levando-lhe ouro, incenso e mirra.⁷

Ele cita duas bandas que “frustraram as esperanças” daqueles que aguardavam ansiosamente a chegada do rock brasileiro: A Cor do Som (um “subproduto dos Novos Baianos”) e o 14-Bis.

Nem todo o esforço dos músicos dessa época foi, porém, esquecido pelo tempo. Alguns grupos renderiam frutos para os anos 80 e 90; como o Vímana, uma banda que seria obscura, não fosse pelo nome de seus integrantes: Ritchie (vocal e sopro), Lulu Santos (guitarra) e Lobão (bateria). A banda gravou um único disco e a separação veio logo depois.

⁷ DAPIEVE, 1995, p.21

Gravar apenas um disco em toda a carreira era uma coisa comum para os roqueiros que enfrentaram a barra dos anos 70. Nenhuma rádio brasileira tocava rock nacional (o termo, na verdade, nem existia) e a televisão só se interessava por MPB.

No final dos anos 70, Rita Lee rompe as barreiras entre rock, pop e MPB e torna-se uma esperança para os roqueiros. O hit “Mania de você”, faixa do LP “Rita Lee”, inspiraria os roqueiros da nova geração. Boa parte deles, especialmente os cariocas, apostaria em um pop rock romântico e acessível. Enquanto isso, em São Paulo e Brasília, a inspiração maior seria o punk, origem de muitos grupos de sucesso dos anos 80.

As duas tendências, porém, convergiriam para um mesmo objetivo: transformar o rock nacional em um movimento potente e respeitado em todo o Brasil.

De agora em diante, a história do rock dos anos 80 a partir do que a imprensa falava sobre ele.

3 AMBIENTAÇÃO

Antes de mergulhar de vez na história do rock brasileiro dos anos 80, é interessante dar uma olhada nessa espécie de “guia prático”, elaborado pelos autores do livro Almanaque Anos 80⁸ e na história da música como pauta na imprensa brasileira.

3.1 GUIA PRÁTICO DO ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 80

- *Grupos de rock que cresceram e apareceram*

- Barão Vermelho – “Pro dia nascer feliz”; “Bete balanço”; “Maior abandonado”
- Biquíni Cavadão – “Tédio”; “Timidez”; “No mundo da lua”
- Blitz – “Você não soube me amar”; “Geme-geme (mais uma de amor)”; “A dois passos do paraíso”
- Camisa de Vênus – “Eu não matei Joana D’Arc”; “Silvia”
- Capital Inicial – “Música urbana”; “Psicopata”; “Fátima”
- Engenheiros do Hawaii – “Terra de gigantes”; “Infinita highway”
- Herva Doce – “Erva venenosa”; “Amante profissional”
- Ira! – “Dias de luta”; “Flores em você”; “Tarde vazia”
- Kid Abelha e os Abóboras Selvagens – “Vida de cão é chato pra cachorro”; “Pintura íntima”; “Por que não eu?”
- Legião Urbana – “Será”; “Geração coca-cola”; “Ainda é cedo”
- Nenhum de Nós – “Camila, Camila”; “Astronauta de mármore”
- Paralamas do Sucesso – “Vital e sua moto”; “Óculos”; “Meu erro”
- Plebe Rude – “Até quando esperar”; “Sexo e karatê”; “Proteção”
- RPM – “Louras geladas”; “Olhar 43”
- Titãs – “Homem primata”; “Família”; “Polícia”
- Ultraje a Rigor – “Marylou”; “Nós vamos invadir sua praia”; “Ciúme”

⁸ ALZER e CLAUDINO, 2004, p. 124

- *Grupos de rock de um sucesso só (ou dois, vá lá..)*

- Absyntho – “Ursinho Blau Blau”
- Afrodite se quiser – “O que que ela tem que eu não tenho?”
- Brylho – “Noite do prazer”
- Conexão Japeri – “Manoel”
- Dr. Silvana & Cia. – “Serão extra”
- Egotrip – “Viagem ao fundo do ego”
- Espírito da Coisa – “Ligeiramente grávida”
- Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros – “Kátia Flávia”
- Gang 90 e As Absurdettes – “Perdidos na selva”
- Grafite – “Mamma Maria”
- Heróis da Resistência – “Só pra meu prazer”; “Doublé de corpo”
- Hojerizah – “Pros que estão em casa”
- Inimigos do Rei – “Uma barata chamada Kafka”; “Adelaide”
- João Penca e seus Miquinhos Amestrados – “Lágrima de crocodilo”; “Popstar”; “Calúnias (Telma eu não sou gay)”
- Kongo – “Bikini defunto”; “Babilônia”
- Magazine – “Tic tic nervoso”; “Cameu”
- Metrô – “Beat acelerado”; “Tudo pode mudar”; “Tititi”
- Picassos Falsos – “Carne e osso”; “Quadrinhos”
- Sempre Livre – “Eu sou free”; “Fui eu”
- Tokyo – “Garota de Berlim”
- Uns e Outros – “Carta aos missionários”
- Zero – “Agora eu sei”; “Formosa”

- *Cantores e cantoras bacanas*

- Celso Blues Boy – “Aumenta que isso aí é rock and roll”; “Blues motel”; “Marginal”; “Sempre brilhará”
- Eduardo Dusek – “Barrados no baile”; “Rock da cachorra”; “Doméstica”
- Guilherme Arantes – “Planeta água”; “Deixa chover”; “Cheia de charme”; “O melhor vai começar”; “Fã nº 1”
- Kiko Zambianchi – “Primeiro erros (chove)”; “Rolam as pedras”; “Alguém”
- Leo Jaime – “As sete vampiras”; “Rock estrela”; “Gatinha manhosa”; “Conquistador barato”; “Sônia”; “Solange”
- Lobão – “Me chama”; “Corações psicodélicos”; “Vida bandida”; “Rádio blá”
- Lulu Santos – “Tão bem”; “Tudo azul”; “De repente Califórnia”; “Certas coisas”; “Como uma onda”; “Adivinha o quê”; “Um certo alguém”; “O último romântico”
- Marina – “Fullgás”; “Mesmo que seja eu”; “Eu te amo você”
- Pepeu Gomes e Baby Consuelo – “Menino do Rio”; “Sem pecado e sem juízo”; “Masculino e feminino”
- Rita Lee – “Mania de você”; “Chega mais”; “Doce vampiro”; “Baila comigo”; “Banho de espuma”; “Flagra”; “Desculpe o auê”
- Ritchie – “Menina veneno”; “Pelo interfone”; “Transas”; “Mais você”
- Vinicius Cantuária – “Só você”

- *Outros grupos que não dá para esquecer...*

- The Fevers
- Gengis Khan
- Rádio Taxi
- Roupa Nova
- Trio Los Angeles
- Yahoo

3.2 JORNALISMO MUSICAL

A imprensa brasileira demorou a incluir a música entre seus assuntos abordados. *Variedades ou Ensaios de Literatura* lançou dois números, no início de fevereiro e nos fins de julho de 1812.

Propunha-se a divulgar discursos, extratos de história antiga e moderna, viagens, trechos de autores clássicos, anedotas etc. (...) Foi ensaio frustrado de periodismo de cultura (...) que o meio não comportava.⁹

Pode estar aí uma tentativa de jornalismo cultural no Brasil. Mas, ainda, nada de música. Nesta época, os jornais e panfletos se limitavam quase que unicamente a divulgar os idos e vindos da realeza. E pouco além disso era permitido, já que a censura atuava firmemente. A censura era feita sobre as provas tipográficas, e estavam proibidos os escritos contra a religião, a moral, os bons costumes, a Constituição, a pessoa do rei, a tranqüilidade pública – “contra qualquer coisa, contra tudo, em suma”.¹⁰

Não se sabe, exatamente, quando foi a primeira vez que a música foi pauta em jornais ou revistas brasileiros. Mas os veículos especializados em música no Brasil surgiram apenas na década de 70 do século passado, com a imprensa *underground*, inspirada na imprensa alternativa dos anos 60. Esses veículos tratavam da cultura pop dos anos 60, que dizia respeito a tudo que era moderno e legal (de acordo com a gíria da época).

O primeiro meio de comunicação especializado em música no Brasil foi a filial brasileira da revista norte-americana *Rolling Stone*, lançada em 1971. A equipe era formada por jornalistas que viriam a se tornar grandes incentivadores do rock brasileiro dos anos 80: o escritor e diretor de teatro Luiz Carlos Maciel, Ezequiel Neves (futuro produtor do Barão Vermelho), Okky de Souza e o casal Ana Maria Bahiana e José Emílio Rondeau.

⁹ SODRÉ, 1983, p. 30

¹⁰ Idem, p. 41

Ainda nos anos 70, a Editora Abril lançou a revista Geração Pop e a editora Mandacaru lançou a publicação “Rock: a história e a glória”.

“Rock: a história e a glória” era um misto de fascículos com revista cultural normal e, embora o rock – dos Beatles e Rolling Stones aos grupos de classic rock e rock progressivo da época, além do cenário nacional que ia dos famosos Raul Seixas, Secos & Molhados a Rita Lee a O Terço e o obscuro O Peso, que chegou a fazer parte das atrações do Hollywood Rock 1975 – fosse o gênero de destaque, a publicação também falava de MPB, sobretudo dando espaço a artistas obscuros.¹¹

A revista Geração Pop (também conhecida apenas como Pop) era sobre música pop em geral. Falava de comportamento e de outros tipos de música que estavam em voga no momento entre os jovens, como a *soul music* e o pop romântico. Seu fim foi decretado por não conseguir acompanhar todas as tendências musicais que faziam sucesso.

No final dos anos 70 e nos anos 80, a revista SomTrês contava com a colaboração de Lulu Santos e fez sucesso lançando coleções especiais:

Duas das mais bacanas são de 1983: “Enciclopédia do rock” (quatro volumes com verbetes de bandas internacionais e nacionais) e “Diário do rock” (dois volumes com todas as datas importantes na história do rock).¹²

A revista Pipoca Moderna, comandada por Ana Maria Bahiana e José Emílio Rondeau, foi a primeira a colocar o rock como pauta, mas durou pouquíssimo tempo. Tinha a colaboração de Paulo Ricardo Medeiros, futuro RPM. Foi rebatizada com o nome Mixtura Moderna.

No início dos anos 80 (mais precisamente em setembro de 1983), a editora Diagrama lançou a revista Roll, a primeira inteiramente sobre rock. Era feita por quem entendia do assunto e dava voz às bandas nacionais que estavam começando a conquistar seu público nas rádios. Seu auge foi durante o primeiro Rock in Rio, em 85.

Em agosto de 85, a Editora Abril resolveu arriscar novamente no campo do jornalismo musical. Lançou a Revista Bizz, provavelmente, a mais conhecida e renomada

¹¹ FIGUEIREDO, 2005.

¹² ALZER e CLAUDINO, 2004, p. 94.

do ramo. Era a bíblia, a enciclopédia, o livro de cabeceira de quem gostava de pop rock na década de 80.

Toda colorida, em papel couché, trazia reportagens com bandas nacionais e internacionais, além de resenhas de shows no país todo, uma entrevista grande num encarte central e críticas de todos os discos de rock lançados no mês. Tinha ainda letras traduzidas, uma seção só de bandas novas e, na última página, a “Discoteca básica”, com a análise de um LP clássico.¹³

A Bizz, apesar de ser a revista de maior sucesso e prestígio do ramo no país, já passou por momentos de altos e baixos, chegando a mudar de nome para Showbizz, em 95 e em 2001, saiu de circulação. Certamente, foi a revista sobre música de maior duração no Brasil. No meio de 2005, ela ensaiou uma volta e agora, em 2006, ela aposta novamente na postura utilizada nos anos 80.

¹³ ALZER e CLAUDINO, 2004, p. 95

4 O ROCK NA MÍDIA

O papel da imprensa é o de retratar o que está acontecendo pelo mundo, nas diversas editorias. Ela vive buscando novos artistas e novos movimentos para divulgar, criticar, expor para a opinião pública.

Por outro lado, os artistas correm atrás, tentando chamar a atenção da mídia de todas as formas possíveis. Estar na mídia consiste em conseguir aquela chance de ser mostrado para o público e para as gravadoras. É aquele espacinho que todos buscam para tentar o sucesso.

No início da década de 80, o rock genuinamente brasileiro, autêntico, puro, e produzido por mentes brasileiras era aguardado há tempos. Enquanto a Jovem Guarda ainda era considerada uma simples imitação, com versões de músicas americanas, a Tropicália era uma mistura tão grande de ritmos e estilos que não satisfazia as vontades dos roqueiros de plantão.

Essa expectativa fez com que a imprensa brasileira noticiasse diversas bandas como se fossem a salvação para o problema: finalmente, chegou o nosso rock! Um exemplo: quando o 14-Bis lançou seu primeiro LP em 1979, homônimo à banda, muita gente achou que ali estava o caminho para que o rock brasileiro se estabelecesse de vez e encontrasse a vida eterna. José Emílio Rondeau escreveu na Revista SomTrês, em dezembro de 79:

A música do 14-Bis é aquela que eu e você queríamos ter ouvido em 71/72, lembra? (...). Agora, oito anos depois, essa música é real, palpável e foi melhorada, decantada, polida. Uma espera que, mesmo doída e angustiante, valeu a pena.¹⁴

O segundo álbum do 14-Bis levantou questionamentos quanto à identidade do grupo. Seria mesmo nosso primeiro representante verdadeiramente rock? O terceiro LP, lançado em 81, confirmam o grupo como representante da MPB, e minou por um tempo

¹⁴ RONDEAU, 1979.

as esperanças de quem aguardava o rock brasileiro que nesse ano, já estava começando a surgir.

No dia 2 de janeiro de 1982, Luís Antônio Mello¹⁵, da rádio Fluminense FM, lançou sua profecia no Caderno B do Jornal do Brasil:

As gravadoras são unânimes quando tratam do rock: está voltando com uma força surpreendente ao mercado brasileiro. Nunca (nos últimos dez anos) vendeu-se tanto rock no Brasil, um reflexo direto de uma tendência internacional. Apesar do atraso, a *new wave* chegou. Com ela, dezenas de novos grupos e uma total revisão dentro da música pop. Apesar da crise, o mercado começa a ferver, e para o próximo ano, as gravadoras prometem mergulhar fundo nesse filão inesgotável.

O movimento BRock¹⁶ surgiu de forma um tanto diferente. A imprensa estava ávida por um movimento musical novinho em folha. Enquanto isso, jovens majoritariamente de classe média, começaram a formar grupinhos e a tocar de forma quase que despretensiosa. O objetivo era unicamente curtir com os amigos, tocar nas festas, brincar de ser músico. Até porque os músicos costumam fazer sucesso dentro de sua turma.

Os Paralamas do Sucesso, por exemplo, resolveram fazer música para passar o tempo, conhecer gente nova e principalmente garotas. Herbert Vianna estava morando no Rio de Janeiro e disse para Bi Ribeiro, um amigo que vinha de Brasília visitá-lo algumas vezes: “Vê se traz um baixo pra gente tocar, cara. Aqui não tem nada pra fazer, eu não conheço ninguém”¹⁷. Essa foi a deixa para que começassem a ensaiar na casa da avó do Bi (Vovó Ondina, que ganharia música em sua homenagem no primeiro disco da banda), a compor músicas e gravar fitas. Tudo sem muita pretensão.

Os meninos do João Penca & Seus Miquinhos Amestrados contam que a banda era uma brincadeira de colégio, sem a mínima intenção de fazer sucesso. Sérgio Abreu

¹⁵ Luís Antonio Mello é jornalista, radialista e fundador da extinta Rádio Fluminense FM, de Niterói, RJ

¹⁶ BRock foi o nome dado por Nelson Motta, para o movimento de novas bandas surgido no princípio da década de 80.

¹⁷ FRANÇA, 2003. p. 15

(o Selvagem Big Abreu, na época dos Miquinhos) conta: “Limitávamos a ensaiar exaustivamente para nada”¹⁸. Leandro Verdeal, também um dos Miquinhos, reforça:

A banda foi formada por garotos que moravam no mesmo prédio no Leblon e colegas da escola Santo Agostinho, lá por meados dos anos 70. Mas não surgiu com a pretensão de ser uma banda. Era mais uma zona com violão pelos corredores do prédio. Tocava-se Roberto Carlos e Chubby Checker, e rock’n’roll anos 50 americano.¹⁹

Até a Blitz, grupo que abriu as portas das gravadoras para que grande parte das bandas cariocas pudessem se lançar ao sucesso, surgiu sem sonhar alto. Com a palavra, o líder da Blitz, Evandro Mesquita:

Nós não sonhávamos com fama e nem tínhamos a menor intenção de fazer sucesso. Eu queria era conhecer o mundo através da arte. Foi por isso que eu participava do Asdrúbal²⁰ e por isso que nós começamos com a Blitz. Éramos pessoas diferentes, muito longe dos padrões de beleza da época, mas que nos tornamos mundialmente conhecidos em nossos bairro [risos] por conta de nosso som.²¹

Nesta época, a Rádio Cidade já era líder de audiência, quando nasceu a Fluminense FM, uma rádio não-estruturada para ser sucesso. O projeto desta última surgiu em 82, enquanto a Cidade começou suas transmissões em 1º de março de 77. As duas formaram a dupla de divulgação do novo rock nacional que estava surgindo, cada uma com sua função.

A Fluminense se encarregava de descobrir as bandas. Fernando Mansur fala sobre isso:

Os novos independentes brasileiros ligados ao rock, tiveram na Rádio Fluminense FM, de Niterói, uma grande força, um alto-falante indispensável para começarem a mostrar suas músicas. A Fluminense pedia para que lhe mandassem as fitas e dependendo da qualidade do som e do produto, ela os tocava. Daí surgiram – entre outros – os Paralamas do Sucesso (Vital e sua moto), Sangue da Cidade (Dá mais um...), Kid Abelha e os Abóboras selvagens, atualmente estourados em todo o Brasil com aquela música que diz: “fazer amor de madrugada, amor com jeito de virada”. Esse e outros grupos fazem parte hoje dos elencos das gravadoras e dos listões radiofônicos de todo o país.²²

¹⁸ ABREU, 2006.

¹⁹ VERDEAL, 2006.

²⁰ Asdrúbal Trouxe o Trombone, grupo teatral formado em 1974 por Hamilton Vaz Pereira, Regina Case, Luiz Fernando Guimarães e Evandro Mesquita.

²¹ MESQUITA, 2006.

²² MANSUR, 1985, p. 27

Enquanto isso, a Cidade ajudava a promover as bandas já lançadas. Novamente, Mansur dá a sua visão. Dessa vez, com o gabarito de quem acompanhou a trajetória da rádio de dentro dela, como locutor:

É interessante notar que para que todo esse pessoal pudesse se lançar foi muito importante, senão indispensável, que o grupo Blitz fizesse o sucesso que fez. E aí foi a Rádio Cidade que deu o pontapé inicial. Com o estouro do grupo, um novo estilo se lançava e consolidava, abrindo espaço para o que viria a ser chamado de muitos nomes: Nova Jovem-Guarda, Nova Onda, Nova Fala e outros. As gravadoras abriram contratações, todas na esperança de descobrir talentos ou de encontrar novas Blitz, Ritchies, etc. (...) E das programações da Cidade e Fluminense, passam a ocupar quase todo o dial das FMs brasileiras.²³

Da mesma forma que o rock fervia no Rio de Janeiro e em São Paulo, a cena era semelhante em Brasília, Porto Alegre e Belo Horizonte. Na capital do país, começavam a surgir bandas como Aborto Elétrico (que depois se dividiria para formar a Legião Urbana e o Capital Inicial) e Blitz 64.

No sul, mais especificamente em Porto Alegre, bandas se inspiravam também no movimento punk, como Os Replicantes, Urubu Rei e Fluxo. E na capital do estado de Minas Gerais, alguns dos representantes do rock eram Sfiha Elétrica, Sexo Explícito, Serpente e Revolta Urbana.

No Rio, uma outra banda chegou a ensaiar o sucesso no rock nacional. O Vímana, composto por Lulu Santos, Lobão e Ritchie. Os três seguiram os rastros deixados pelos Mutantes para fazer seu som. O potencial deste grupo era grande, já que todos os membros eram excelentes músicos e sabiam bem o que queriam. Porém, eles gravaram apenas um compacto, “Zebra”. Por conta de confusões internas, o Vímana acabou antes mesmo de se consolidar. Mas posteriormente, seus membros conseguiram o sucesso em carreiras solo.

Júlio Barroso era um jornalista fissurado por música em geral. Em fevereiro de 81, de Nova York, ele avisava no Jornal do Disco:

²³ MANSUR, 1985, p. 28

Não existe nada de novo, existe tudo sendo feito de maneira nova, velhos *riffs* renascidos através da paixão criativa dos que vivem o tempo de agora, apaixonadamente. Nós sabemos que não existe nenhuma onda nova, *new wave*. Mas uma onda permanente. Mente mutante.²⁴

De volta ao Brasil, recrutou a irmã, a namorada e mais duas cantoras para formar com elas a base do grupo Gang 90 & As Absurdettes. Em 81, a música “Perdidos na selva” foi lançada em um compacto (pelo selo Hot, de Nelson Motta) e foi parar nas rádios, antecipando todos os traços do que seria a nova geração do rock carioca: som *new wave*, corinhos e versos bem-humorados e romantismo adolescente.

Em 1983, saía o primeiro álbum do grupo, “Essa tal de Gang 90 & As Absurdettes”, com mais um sucesso, “Nosso louco amor”. Essa faixa foi incluída na quase homônima novela da Rede Globo, “Louco amor”, o que os levou a vender quase 100 mil cópias. Os problemas com álcool e drogas de Júlio Barroso, e sua morte precoce, em 1984, levariam ao fim da banda.

Enquanto isso, em São Paulo, o movimento punk começava a dar as caras. Em 27 e 28 de novembro de 82, a realização do 1º Festival Punk de São Paulo, também conhecido como “O começo do fim do mundo”, chamou a atenção da imprensa. Shows de bandas como Cólera, Inocentes e Extermínio marcaram o evento, além do lançamento do livro “O que é punk”, do jornalista Antônio Bivar.

O sucesso obtido pelos paulistas inspirou os cariocas, que em 26 de março de 1983 promoveram a 1ª Noite Punk do Rio de Janeiro, no Circo Voador. Além de bandas paulistas como Inocentes, Cólera e Ratos de Porão, participou um trio carioca *new wave*, simpatizante do movimento: Os Paralamas do Sucesso, acompanhados por alguns integrantes de outro grupo carioca, o Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens.

A noite bem-sucedida serviu para mostrar que os cariocas também sabiam fazer música punk, e esta era normalmente mostrada em *points* por toda a cidade, como o Dancing Méier, o Western Club, no Humaitá, o Let it Be, em Copacabana e o Emoções

²⁴ BARROSO, 1981.

Baratas, em Botafogo. Nesses bares, já pode se dizer que estava surgindo o tão esperado rock nacional. Neles, aconteciam os primeiros shows de algumas bandas que em breve, fariam sucesso por todo o país, como o João Penca & os Miquinhos Amestrados, os Paralamas do Sucesso e o Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens.

O grande hit que veio acalmar os ouvidos daqueles que aguardavam ansiosamente pelo rock brasileiro chegou em tom teatral, com corinhos de vozes femininas, visual diferente e historinhas que conquistaram o país. Em setembro de 1982, era praticamente impossível ligar o rádio e não ouvir os versos que entraram para a história da música brasileira: “Amor, pede uma porção de batata frita? / Ok, você venceu, batata frita!”²⁵. “Você não soube me amar”, da Blitz, era o hit que faltava para firmar o BRock em seu devido lugar.

A Blitz surgiu de uma troca de experiências entre os atores do grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone e alguns músicos. No dia 21 de fevereiro de 1981, este intercâmbio tomou forma em um show no bar Caribe, com o sexteto formado por: Evandro Mesquita, Ricardo Barreto, Lobão, Guto Barros, Zé Luiz e Junno Homrich. A Blitz ainda fez alguns shows com essa formação, até incorporar as duas vocalistas (Fernanda Abreu e Márcia Bulcão), que junto com Evandro Mesquita, montavam aqueles diálogos que marcaram época.

A banda conseguiu um contrato com a EMI-Odeon e seu primeiro compacto, gravado com apenas uma música (“Você não soube me amar”), vendeu 100 mil cópias em apenas três meses. E apesar de a música ter agradado e grudado feito chiclete no ouvido de muita gente, sempre tem alguns que não ficam satisfeitos. O cartunista Angeli escreveu no jornal Pasquim, de 23 de setembro de 1982, um artigo com o título “Arrigo Barnabé, Grupo Blitz e chupadelas em geral”. Ele insinuava que a fórmula bem sucedida de usar corinhos femininos, usada pela banda carioca, era idéia “roubada” do compositor Arrigo Barnabé, de Londrina.

²⁵ Trecho da música “Você não soube me amar”, de Evandro Mesquita, Ricardo Barreto, Guto e Zeca Mendigo, gravada pelo grupo Blitz em 1982.

Três dias depois do artigo de Angeli, foi lançado o LP “As aventuras da Blitz”. Duas músicas foram vetadas pela censura federal, mas o álbum vendeu como água. O crítico Paulo Ricardo Medeiros, da revista Pipoca Moderna, escreveu uma resenha recheada de elogios, que terminava assim: “Meus parabéns. Vocês são os pais de um lindo LP levadíssimo. Vou sair por aí com a mão no bolso, o fone no ouvido, e quem sabe levar uma Blitz. É.”²⁶

Estava provado: o rock nacional tinha público e podia ser rentável para as gravadoras. Daí pra frente, elas começaram a sair em disparada atrás de novos nomes que pudessem repetir o “efeito Blitz”. E estava comprovada a profecia de Luís Antônio Mello citada anteriormente: o mercado estava se abrindo para o novo rock brasileiro!

As gravadoras começaram a garimpar, buscando bandas que pudessem seguir o rastro da Blitz. E aí estava o grande papel da dobradinha Circo Voador – Rádio Fluminense. A tabelinha entre Circo Voador e Fluminense FM foi essencial para promover o BRock. O Circo foi pensado por Perfeito Fortuna, Márcio Galvão e Maurício Sette, para ser um centro cultural e comunitário, onde todos os tipos de manifestação cultural fossem permitidos. A lona foi montada primeiro na Praia do Arpoador, e depois na Lapa.

Parcerias entre o Circo e a Flu renderam ótimos resultados. O projeto “Rock voador”, organizado por Maria Juçá e iniciado em 5 de janeiro de 1983, permitia que todos pudessem assistir a shows de bandas que só tocavam na emissora de Niterói. E na programação da rádio, o ouvinte escutava sons que só se apresentavam no circo.

Jamari França, jornalista especializado em música que trabalhava no Jornal do Brasil na época, conta que teve seu primeiro contato com esse novo som que estava surgindo no Rio de Janeiro dentro do projeto Rock Voador. Ele trabalhava na editoria internacional do jornal, e foi em 82 que ele escreveu sua primeira matéria de música para o Caderno B, “sobre umas bandas novas que estavam aparecendo na cidade com nomes

²⁶ MEDEIROS, 1982.

engraçados como Blitz, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso e Kid Abelha e os Abóboras Selvagens”²⁷.

Em janeiro de 83, foi lançado o primeiro fruto do projeto Rock voador, um LP homônimo ao evento que reunia músicas tiradas de fitas-demo recebidas pela Fluminense FM, de bandas que já se apresentavam no projeto do circo. O álbum reunia canções de Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, Sangue da Cidade, Celso Blues Boys, entre outros. No terceiro número da revista Pipoca Moderna, Ana Maria Bahiana incentivava: “Vão em frente, meninos – pelo menos vocês têm a idade de sua platéia, e isso já é muito, muito, muito, muito nos dias de hoje.”²⁸ Dessa parceria Fluminense-Circo surgiu ainda o grupo Barão Vermelho.

Jamari França sempre foi um grande entusiasta do BRock. Depois de sua primeira matéria sobre o tema, ele continuou na editoria internacional, mas ainda escrevendo matérias para o Caderno B. Ele fez as críticas dos primeiros álbuns dos Paralamas, do Kid Abelha, da Blitz, e do Lulu Santos. E se orgulha de ter sido o “único repórter a cobrir exclusivamente o rock brasileiro, com duas colunas no Caderno B nos anos 80”²⁹.

Arthur Dapieve, em seu livro “BRock: o rock brasileiro dos anos 80”, atribui o processo de afirmação do rock brasileiro não só à dobradinha Circo/Fluminense, mas também a jornalistas que sempre fizeram questão de divulgar o movimento. Ele cita a seguinte lista: “No jornal O Globo e na revista Pipoca Moderna, Ana Maria Bahiana. No Jornal do Brasil, Jamari França. Na revista SomTrês e na rádio Excelsior FM, de São Paulo, Maurício Kubrusly.”³⁰

Sérgio Abreu e Leandro Verdeal, integrantes dos Miquinhos Amestrados, citam mais alguns nomes, além desses: Antonio Carlos Miguel, José Emilio Rondeau (da Pipoca Moderna), Bernardo Araújo, Silvio Essinger e Pedro Só. E eles reclamam que a imprensa paulista nunca apoiou o rock carioca.

²⁷ FRANÇA, 16 maio 2006.

²⁸ BAHIANA, 1982.

²⁹ FRANÇA, 16 maio 2006.

³⁰ DAPIEVE, 1995, p.32

Obviamente, sempre existem pessoas a favor e contra um certo movimento. Entre os declaradamente contra, estavam Ronaldo Bôscoli, da Última Hora (com quem Jamari França afirma ter tido uma “polêmica”: “Ele vivia me xingando porque eu defendia ‘umas bandinhas de merda’”³¹), Miguel de Almeida e Pepe Escobar, da Folha de São Paulo (este último chegou a apanhar de Nasi, da banda paulista Ira, por conta do artigo pouco amigável “Desventuras do rock paulistano”, escrito por Escobar).

Uma outra “polêmica”, envolvendo Jamari, aconteceu dentro do próprio JB. José Nêumane Pinto escreveu no Jornal do Brasil, em 25 de outubro de 1983, o artigo intitulado “O rock brasileiro é um produto artificial”:

Alguém se lembra de Ronnie Cord? Podemos fazer um exercício interessante. Lembram-se daquele sucesso de Erasmo Carlos, FESTA DE ARROMBA? Vamos tocar na vitrola e tentar lembrar quem era, cada um de seus personagens originais. Parecerá uma letra que fala de uma turma misteriosa de arqueológicos egípcios. São pessoas perdidas no tempo, artista que desapareceram na fumaça. À exceção, é claro, dos dois Carlos. (...) O Barão Vermelho, outro produto dessa safra de equívocos, arrancou os mesmos comentários do nosso simpático Jamari França. O mais fervoroso adepto do rock sabe que o rock tupiniquim não veio para ficar. É apenas uma jogada mercadológica. Como foi a Jovem Guarda.”³²

No dia seguinte, no mesmo jornal, Jamari França escreveu a réplica:

O rock não quer abafar ninguém, só quer mostrar que é música brasileira também. (...) Fala-se muito em quem vai ficar quando ainda não se sabe nem quem está. Será que ficaram todos os nomes da Bossa Nova, da Tropicália, do Pessoal do Ceará, da Paraíba, de Pernambuco? O que vai acontecer com os novos roqueiros é a mesma coisa que aconteceu com todas essas ondas: ficarão alguns nomes que conseguirem identidade própria e tiverem consistência de talento para isso.

Para a saúde das novas bandas nacionais, existiam jornalistas verdadeiramente dispostos a defender o rock. E, mesmo com as árduas críticas negativas, podemos ir em frente com essa história de sucesso.

³¹ FRANÇA, 2006.

³² PINTO, 1983.

5 ENQUANTO ISSO, AS BANDAS CONQUISTAVAM SEU ESPAÇO

O país estava vivendo uma séria crise de recessão. Mas nem isso seria capaz de esfriar a corrida da indústria fonográfica. Em São Paulo, a gravadora WEA resolveu apostar em compactos de bandas novas. Algumas não deram em nada. Mas o grupo Magazine deu sorte e foi contratado pela gravadora. O *single* com a música “Sou boy” foi rapidamente absorvido pelas rádios e foi um dos grandes *hits* de 1983, vendendo cerca de 200 mil cópias.

Nesta mesma época, os Paralamas do Sucesso já haviam estourado com a música “Vital e sua moto”, graças à divulgação de sua fita-demo pela rádio Fluminense FM. Herbert Vianna, em entrevista à revista Duas Rodas, citou o sucesso dos colegas paulistas do Magazine ao fazer uma comparação do rock brasileiro com a MPB:

Outro dia eu ouvi no rádio a Maria Bethânia cantando: “Como se fosse o sol desvirginando a madrugada,/quero sentir a dor dessa manhã” [“Explode Coração”, de Gonzaguinha]. Você já viu alguém sentir isso? A garotada não entende. Dizem que o rock atual é limitado, que as gravadoras estão dando espaço para isso deixando de lado a verdadeira música brasileira. Não é verdade, não existe música mais brasileira do que “Sou boy”, do Magazine.³³

Outras bandas que fariam um sucesso passageiro em 1983 seriam o Absyntho e o Sempre Livre. A primeira, carioca, emplacaria apenas “Ursinho Blau Blau” (que, posteriormente, transformaria-se em um dos símbolos desta década). O Sempre Livre, também carioca, era formado apenas por mulheres e fazia sucesso com “Eu sou free” e “Fui eu” (esta última de autoria de Herbert Vianna, dos Paralamas do Sucesso).

O início dos anos 80 foi a era das bandas. Depois de amargar a década de 70 na sombra dos cantores/cantoras, elas tomaram conta do cenário nacional, pouco acostumado com a idéia de vocalistas ou solos de guitarra. Em meio à avalanche de grupos com nomes esquisitos como Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens ou Paralamas

³³ FRANÇA, 2003. p. 55

do Sucesso, alguns artistas “individuais” conseguiram sobressair. Vinham do Rio e adotavam a linha romântica, mas com uma pitada de rock.

Depois do Vímana, Lulu Santos, Ritchie e Lobão tentaram suas carreiras solo. Ritchie, o inglês que ainda tentava se adaptar ao país tropical, conseguiu conquistar o Brasil com seu sotaque britânico em “Menina veneno”. Gravou alguns discos de sucesso, mas aos poucos foi sumindo das paradas. E passou a ganhar a vida como produtor.

Lulu Santos foi mais longe. Demorou a emplacar, mas quando conseguiu, consagrou-se como um dos grandes “fabricantes de *hits*” do Brasil. Só em 82, ele emplacou “Tesouros da juventude” (seu primeiro compacto pela WEA), “Areias escaldantes” e “De leve” (que foi incluída na novela “Brilhante”). No mesmo ano, gravou seu primeiro álbum, “Tempos modernos”, que além da faixa-título, lançou a música “De repente, Califórnia”, um sucesso até hoje. No ano seguinte, lançou mais um álbum repleto de sucessos: o disco “O ritmo do momento” tinha, entre suas faixas, “Como uma onda”, “Adivinha o que” e “Um certo alguém”. Seus álbuns seguintes continuaram confirmando essa tendência *popstar* de Lulu Santos, fazendo dele um exemplo para as bandas em início de carreira.

Jamari França lembrou um pouco dessa época e de sua relação com Lulu Santos no dia 26 de maio de 2006, em seu *blog* “Jam Sessions”, no Globo Online:

Conheci Lulu Santos em 1982 quando lançou o primeiro LP, “Tempos modernos” e o entrevistei para o Caderno B do Jornal do Brasil. Ele era experiente, ao contrário dos integrantes das bandas que também começavam, vinha de um grupo chamado Vímana com Lobão e Ritchie. Ele descartara a complexidade do rock progressivo pela leveza da *new wave* e estava a caminho de se tornar o rei do pop, alçar-se ao “robertocarlatato”, o termo que criei na época. A primeira fase do rock brasileiro dos anos 80 foi um barato, todo mundo se descobrindo e sendo descoberto, todos juntos como uma turma.³⁴

Herbert Vianna, vocalista e guitarrista dos Paralamas do Sucesso, era um dos seguidores de Lulu Santos. Queria tocar como ele, cantar como ele, fazer o mesmo sucesso que ele. Ainda assim, os Paralamas do Sucesso sempre buscaram sons que

³⁴ FRANÇA, 26 maio 2006.

divergiam da principal tendência adotada pelo rock nacional: a *new wave* romântica e bem-humorada. Eles queriam fazer uma mistura de rock com ritmos inusitados, como o *reggae* e o *ska*, como já havia feito o grupo inglês The Police.

Em 82, eles já estavam tocando na rádio Fluminense FM e faziam alguns shows pela cidade, mas ainda não tinha conseguido “estourar”. Foi nesta época que veio o sucesso estrondoso da Blitz e a busca das gravadoras por novas fórmulas semelhantes a ela. Em março de 83, gravaram seu primeiro compacto, com “Vital e sua moto” e “Patrulha noturna” e o primeiro disco, “Cinema mudo”. Rapidamente, o grupo começou a rotina de divulgação do trabalho e estouraram nas paradas de sucesso.

Enquanto isso, o Kid Abelha e os Abóboras Selvagens se confirmava como uma das bandas mais populares da primeira geração do rock nacional, tocando um pop rock com temática adolescente e romântica. Seu primeiro álbum, “Seu espião”, de 1984, emplacaria nada menos que sete sucessos. O Kid Abelha foi um dos grupos que foram lançados pela coletânea Rock Voador, com o sucesso “Pintura íntima”. O seu som era um rock leve praiano, com letras que evocavam um romantismo adolescente. Não demorou para que o Kid Abelha caísse nas graças do público, primeiro com o sucesso estrondoso da música “Pintura íntima” e depois com outras canções, como o hit “Como eu quero”.

O Barão Vermelho surgiu em 1981 e se destacava por ter uma proposta um tanto diferente. Enquanto a maioria das bandas fazia um “roquinho” romântico e adolescente, o Barão lutava para convencer que seria capaz de fazer sucesso com seu rock sério, mesmo em um mercado povoado por roqueiros alegres e descompromissados.

O disco de estréia, que levava o nome do grupo, não fez sucesso. Seu som era “complexo” demais e a mídia não acolheu a banda. O segundo, “Barão Vermelho 2”, conseguiu conquistar um espaço graças à gravação da música “Pro dia nascer feliz” por Ney Matogrosso, fato que foi capaz de quebrar a resistência da mídia. Além disso, o filme “Bete Balanço”, de 1984, incluía duas músicas da banda em sua trilha sonora. A música-

tema do filme ficou entre as mais tocadas deste ano. Ainda em 84, gravaram o terceiro LP, “Maior abandonado”, que vendeu mais de 100 mil cópias.

Enquanto isso, a resistência na mídia continuava. Sérgio Abreu, dos Miquinhos Amestrados, culpa “a má vontade geral e a nossa ingênua idade” como principais obstáculos. “Vínhamos de um período de resistência política muito forte. A música era um instrumento de contestação. Havia forte censura. Nos viam [sic] como alienados.” Ele lembra uma situação:

Havia uma crítica (alguma coisa Dutra) que ficou revoltada com uma matéria simpática que a revista Veja publicou sobre um show no clube Lagoinha intitulada “Os 7 gatinhos”. Ela dizia: “Já pensou que no futuro vão pesquisar as revistas e achar que isso representava alguma coisa pra nossa geração?”. Bem a geração dela era um pouco mais velha... De maneira geral, a mídia impressa era mais antena e mais aberta aos novos movimentos. Depois veio a Blitz explodindo “Você não soube me amar” no rádio e começou a febre. Virou o contrário. As gravadoras montavam e gravavam qualquer coisa que tivesse sotaque rock.³⁵

Leandro Verdeal, também dos Miquinhos, faz coro, lembrando que

Os jornalistas de São Paulo detestavam os Miquinhos por que era uma coisa tipicamente carioca. (...) Em Sampa, achavam os caras do Rio babacas. Até Herbert Vianna era castigado por tocar de bermudas...³⁶

Com má vontade ou não, o rock nacional estava crescendo e aparecendo. E Jamari França continuava incentivando as bandas:

Sempre apostei nas bandas, brigava por elas. Uma época, o diretor da gravadora Warner, Andre Midani, me chamou para um almoço porque queria saber o que eu via nos Titãs e no IRA porque eu defendia na minha coluna e ele não gostava e pensava em dispensar. Briguei muito pela Legião Urbana, que não tocava em rádio. Quando saiu o primeiro disco deles, eu já me correspondia com o Renato de Brasília. Fiz as primeiras matérias da maioria dessas bandas. Não lembro de nenhuma que não tenha chegado ao primeiro disco, algumas afundaram como Papel de Mil, Mauricio Melo e a Companhia Mágica etc.³⁷

A nova geração da música brasileira era chamada de diversos nomes, como escreve Fernando Mansur: “Com o estouro do grupo [Blitz], um novo estilo se lançava e

³⁵ ABREU, 2006.

³⁶ VERDEAL, 2006.

³⁷ FRANÇA, 16 maio 2006.

consolidava, abrindo espaço para o que viria a ser chamado de muitos nomes: Nova Jovem-Guarda, Nova Onda, Nova Fala e outros”.³⁸

Jamari França fazia uma análise geral deste “movimento” que estava surgindo, em uma matéria para o Caderno B em 4 de janeiro de 1983. Considerando toda a “intriga da oposição”, que acreditava ser o Rock Brasil uma tendência passageira prestes a ser substituída por uma nova onda, Jamari investigava o que os músicos do BRock pensavam disso:

O risco de queimar a Nova Jovem Guarda em um verão não preocupa muito. Marina acredita que alguma coisa sempre fica, mesmo os fenômenos que acabam sempre abrem muito no comportamento, permitindo que outras coisas surjam.³⁹

De fato, o movimento parecia ter vindo para ficar. As gravadoras continuavam ávidas por bandas de rock. O gênero estava fazendo tanto sucesso entre a garotada que cada vez mais grupos surgiam e conquistavam o público.

Entre 1980 e 1984, o fenômeno do rock nacional teve repercussões em muitas áreas. Surgiram revistas, filmes (“Bete Balanço”, “Areias escaldantes”), programas de televisão (como a “Fábrica do som”, na TV Cultura, ou o “Cometa loucura”, na TV Globo), e principalmente, muitas casas noturnas – na época, conhecidas como danceterias.

Só em São Paulo, eram diversas, como a Tífon, Rádio Laser, Radar Tantã, Clash e Madame Satã. Essas danceterias serviam como base de lançamento de muitos grupos, paulistas ou cariocas.

Falando em São Paulo, uma *big band* estava batalhando seu espaço na mídia desde 82: os oito integrantes dos Titãs se reuniram pela primeira vez neste ano. Nesta época, eles ainda usavam o nome Titãs do lê-lê-lê e cantavam músicas da Jovem Guarda. Apenas em 1984 eles conseguiram assinar um contrato com a WEA e lançaram um disco nesse mesmo ano, com uma mistura de música brega, *new wave*, *funk*, *reggae* e rock. E a primeira música a tocar nas rádios foi “Sonífera ilha”.

³⁸ MANSUR, 1985, p. 28.

³⁹ FRANÇA, 4 jan. 1983.

Assim, os grupos que já estavam no mercado passaram a ser fonte de novidades para as gravadoras. Os Paralamas do Sucesso, por exemplo, foram responsáveis por apresentar diversas bandas de Brasília para sua gravadora, a EMI-Odeon, como a Legião Urbana. De repente, as gravadoras começaram a perceber que Brasília era um nicho de boas bandas e passaram a procurar novos caminhos por lá.

Em 1982, durante uma festa, Marcelo Bonfá anunciou a uma amiga: “A gente vai se mudar para o Rio e eu vou ser muito famoso”⁴⁰. Premonição, talvez. A verdade é que desde que os Paralamas começaram a fazer sucesso no Rio, eles divulgavam seus colegas de Brasília. Gravaram a música “Química”, de Renato Russo, em seu primeiro disco, e sempre tocavam “Veraneio vascaína” e outras canções da Legião Urbana em seus shows. Uma crescente curiosidade sobre o rock politizado e contestatário que estava sendo feito na capital federal começou a tomar conta das gravadoras do eixo Rio - São Paulo. A mudança das bandas brasilienses era apenas uma questão de tempo.

As bandas de Brasília começaram a se espalhar pelo Sudeste em 1984. Primeiro com os Paralamas (formada por pessoas vindas de Brasília), depois com Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial e outras. Elas tinham influências do punk, como os grupos paulistas, e rapidamente conquistaram o país inteiro.

Renato Russo fundou a banda Aborto Elétrico em 1978, com Felipe Lemos e André Pretorius. Em 82, o grupo se separou, dando origem a duas das principais bandas de Brasília: a Legião Urbana e o Capital Inicial. Os sucessos do Aborto também foram divididos entre as duas bandas, servindo como pontapé inicial para ambas.

A Legião, formada por Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, fez suas primeiras apresentações no mesmo ano de 82, em Brasília. Em 83, fizeram shows no Rio e em São Paulo.

No dia do show carioca, 23 de julho de 83, tanto o JB quanto o Globo destacavam, em termos altamente elogiosos, que aquela seria a primeira

⁴⁰ MARCELO, 20, p. 52.

apresentação na cidade de dois dos mais badalados grupos do Destruto Federal, o Legião e o Capital Inicial.⁴¹

Nessa época, já haviam entregado uma fita demo para a Rádio Fluminense FM – a primeira a tocar músicas como “Ainda é cedo” e “Soldados”. O primeiro LP, “Legião Urbana”, viria apenas em 85, às vésperas do Rock in Rio, pela Odeon, chamando atenção da mídia e conquistando o país. O jornalista José Emílio Rondeau produziu este trabalho.

O Capital Inicial estreou em 83, com os irmãos Flávio e Felipe (o Fê) Lemos, Loro Jones e Dinho Ouro Preto. O primeiro compacto, “Descendo o rio Nilo”, viria em 85, mas o sucesso só chegaria no ano seguinte, com o hit “Música urbana”, composto ainda na época do Aborto Elétrico.

O sucesso alcançado pelas duas bandas deve muito aos irmãos Herbert e Hermano Vianna. O primeiro, vocalista e guitarrista dos Paralamas do Sucesso, ajudou na divulgação da banda na região Sudeste, conforme dito anteriormente. O segundo escreveu uma reportagem esclarecedora na revista *Mixtura Moderna* (sucessora da *Pipoca Moderna*).

Outro grupo brasileiro a marcar presença no cenário rock da década de 80 foi a Plebe Rude, que guardava sua influência punk, tocando um rock seco, agressivo e direto. Gutge, Phelippe Seabra, Jander Bilaphra e André X montaram a Plebe Rude em 81. Em setembro de 82 tocavam em um show com a Legião Urbana e no ano seguinte, começariam uma série de shows em São Paulo. O contrato com a EMI-Odeon, também apadrinhado por Herbert Vianna, veio em 85.

Esta enxurrada de discos em 1985 surgiu por um único motivo: estava chegando o momento da grande consagração do rock nacional. O primeiro festival a reunir bandas nacionais e internacionais no Brasil aconteceria em janeiro de 1985. Com ele, novos rumos, novas bandas e uma nova visão do rock brasileiro estavam chegando.

⁴¹ DAPIEVE, 1995, p. 131.

E em 18 de dezembro de 1984, Jamari França continuava incentivando o Rock Brasil (expressão criada por ele mesmo). Aproveitando o final do ano e a corrida pelas compras de Natal, escreveu em uma de suas matérias no Jornal do Brasil: “Indeciso sobre presente de Natal? Dê rock brasileiro para sua mulher ou marido preferido”⁴², e disponibilizava uma lista enorme de álbuns recém-lançados de rock nacional, como “O Passo do Lui”, dos Paralamas do Sucesso, “Seu espião”, do Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens e “Maior abandonado”, do Barão Vermelho.

⁴² FRANÇA, 18 dez. 1984.

6 A CONSAGRAÇÃO: ROCK IN RIO

No segundo semestre de 1984, foram surgindo rumores sobre um festival que revolucionaria a música brasileira. Alguns passaram a esperá-lo ansiosamente. Outros, pensavam que era mais um boato. Balela ou não, esse festival foi pensado pelo empresário Roberto Medina, da agência de publicidade Artplan, e traria para o Brasil bandas internacionais que ninguém sonhava ver, intercaladas por vários artistas nacionais. Com este festival, viria a consagração definitiva do rock nacional.

Aos poucos, as atrações internacionais iam sendo confirmadas. Black Sabbath, Queen, Rod Stewart, Iron Maiden, Whitesnake, AC/DC, Yes, Nina Hagen, Al Jarreau, Go-Go's, B-52's, George Benson e James Taylor. Já no elenco internacional, podíamos perceber que o festival seria eclético: *heavy metal*, rock progressivo, *new wave*, *jazz* e *folk*. Tudo sendo revezado em dez dias de Rock in Rio.

Enquanto os internacionais eram convidados e aos poucos confirmavam sua presença, os artistas nacionais começaram uma verdadeira disputa para ver quem conseguiria um espaço na programação do evento. Seria uma divulgação incrível para quem participasse: ampla cobertura da imprensa nacional e internacional, transmissão para todo o Brasil pela Rede Globo, entrevistas etc. Quem fizesse uma boa apresentação e conquistasse o público, certamente decolaria.

As atrações nacionais contavam com quatro grupos novos – os Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Kid Abelha & os Abóboras Selvagens e Blitz – e os “veteranos” do rock Lulu Santos, Eduardo Dusek e Rita Lee. Completando o *cast* nacional estavam representantes da MPB: Gilberto Gil, Erasmo Carlos, Ney Matogrosso, Alceu Valença, Elba Ramalho, Moraes Moreira, Ivan Lins, Pepeu Gomes e Baby Consuelo.

Os jovens aguardaram ansiosos pela chegada daquele mega evento. Os ingressos deviam ser comprados com bastante antecedência e a espera nos dias dos

shows também era enorme. Filas do lado de fora e tentativas de conseguir um lugar decente. Tudo embaixo de um sol escaldante de janeiro.

Os números eram surpreendentes. Anunciado como o maior concerto de rock do mundo, o palco do Rock in Rio foi montado na “cidade do rock”, um terreno de 300 mil metros quadrados em Jacarepaguá, ao lado do Riocentro. Eram mais de 3 mil refletores iluminando mais de um milhão de pessoas que passaram por lá. Foram consumidos mais de um milhão e meio de litros de bebida e quilos e mais quilos de comida.

A programação dos dez dias de festival (de 11 a 20 de janeiro) pecou por algumas falhas: colocou artistas que nada tinham a ver entre si tocando no mesmo dia, para a mesma platéia. Resultado: choveram garrafas d'água, pedras e vaias para cima dos indesejados. Kid Abelha e Eduardo Dusek, por exemplo, tocaram no mesmo dia dos Scorpions e da banda australiana AC/DC. Óbvio que o público metaleiro não gostou e fez questão de mostrar sua opinião.

Outra reclamação, esta vinda dos próprios artistas nacionais, marcou o evento. Eles não recebiam nem metade da atenção que os artistas internacionais receberam. Pelo contrário: foram praticamente humilhados. Não recebiam orientação de como montar seus palcos e seus instrumentos. Os técnicos das bandas não podiam sequer entrar no palco durante os shows. Mesmo se acontecesse alguma coisa. Nesse caso, entravam os técnicos americanos e mexiam no que achavam que tinham que mexer.

Além disso, a qualidade do som disponibilizado aos brasileiros era muito inferior à dos conjuntos gringos. E outros privilégios eram concedidos sempre em favor dos estrangeiros, como o tempo de passagem de som e o acesso às mesas de som. As atrações nacionais ainda tinham um tempo bem menor que o das internacionais para se apresentar, sendo tirados do palco quando ultrapassavam esse limite. Nos bastidores, não podiam sequer circular pelos corredores no mesmo momento que certos artistas estrangeiros – eram obrigados a ficar trancados em seus camarins até que toda a comitiva gringa passasse.

A maratona musical de dez dias colocou o Brasil definitivamente no mercado mundial do rock. Depois do Rock in Rio, várias portas se abriram e diversos festivais de porte semelhante aconteceram no país, como o Hollywood Rock e o Close-Up Planet. O próprio Rock in Rio teve mais duas edições: uma em 1991 e outra em 2001.

Para o público, o festival foi a chance de tirar a limpo a reputação dos ídolos e usar as conclusões como parâmetro para definir o que era realmente bom e o que nem de longe valia a pena.

Para o mercado fonográfico, ficou a lição de que era possível realizar festivais de rock de grande porte por aqui. Foi a primeira vez que estrelas como James Taylor, Ozzy Osbourne, Yes e B-52's vieram para o Brasil e depois do Rock in Rio, o caminho para que bandas estrangeiras voltassem a aportar aqui estava aberto de vez.

No exterior, a repercussão foi grande. Muitos artistas que antes nem sabiam onde ficava o Rio de Janeiro passaram a incluir o país em suas turnês. O Brasil passava a fazer parte do mercado mundial.

Um balanço final confirmou o sucesso. Todos os artistas convidados compareceram. Luzes e som funcionaram como estava programado – não que tenha sido da melhor forma possível.

Internamente, os efeitos foram enormes. Palavras como metaleiro (criada pela imprensa durante o Rock in Rio), roqueiro, *heavy metal* e *new wave* foram incorporadas ao vocabulário comum do brasileiro. Rádios, televisões e revistas abriram mais espaço para o gênero.

Serviria ainda para dar mais uma lição às gravadoras, que estavam investindo pouco no rock nacional. Depois do festival, o movimento ganharia novo impulso com o surgimento de bandas ainda mais bem sucedidas do que as da primeira geração. Após o Rock in Rio, as vendas de discos só aumentaram.

No fundo, a idéia que se tinha na época (e que se mantém até hoje) é de que o Rock in Rio só foi possível por causa das bandas que surgiram naquele começo da década de 80. O empresário dos Paralamas do Sucesso, José Fortes, fala sobre isso:

A nossa visão na época, que julgo correta até hoje, era que o Rock in Rio só aconteceu por causa da geração 80, foi esse movimentozinho aqui – que começou a aparecer em um show, outro, outro – que abriu os olhos de Roberto Medina para o mercado do rock no Brasil, que estava abafado, não vinha ninguém, era só MPB e MPB. A geração 80 trouxe esse negócio do rock. Por isso o show [dos Paralamas, no Rock in Rio] foi dedicado a outras bandas e à Fluminense [a rádio Fluminense].⁴³

A cobertura da imprensa ao evento foi, de certa forma, eufórica. Não era para menos: assim como o público e os artistas, a imprensa brasileira também nunca havia presenciado um evento de tal porte. As entrevistas coletivas eram bastante disputadas, assim como os artistas antes e depois dos shows. Em alguns momentos, a inexperiência em lidar com as estrelas internacionais chegou a causar constrangimento. Na revista Showbizz de janeiro de 2000, uma matéria comemorativa dos 15 anos do festival revelava a falta de tato de um repórter em uma entrevista coletiva com a banda Queen:

Repórter: Vocês se chamam Rainha e gravam músicas falando em desmunhecar. O que esse homossexualismo tem a ver com a vida real de vocês?

Roger Taylor [baterista do Queen]: Eu posso falar sobre mim, que sou casado e com dois filhos. Agora, gostei de usar roupa de mulher no clipe de “I want to break free” [Eu quero me libertar]

Repórter: Mas é assim que começa...⁴⁴

Brincadeiras e preconceito à parte, a imprensa noticiou de forma bastante positiva o mega evento. Depois do segundo dia de festival, a jornalista Lea Penteado escreveu no jornal O Globo:

No primeiro dia do festival, o público era o mais heterogêneo possível... Quando as roletas foram abertas e os primeiros jovens tomaram conta do grande gramado, a sensação que se tinha era de que um bando de adolescentes presos em jaulas tinham sido libertados. Corriam, atiravam-se pela grama, davam murros no ar, cambalhotas como se tudo aquilo só fosse durar um dia.⁴⁵

⁴³ FRANÇA, 2003, p. 73

⁴⁴ BIAGGIO, 2000.

⁴⁵ PENTEADO, 1985.

Foram anos de espera por um evento que trouxesse para o Brasil as bandas que todo mundo já ouvia pelos discos e rádios. Já era de se esperar tanta euforia. Ana Maria Bahiana enxergou o festival com bons olhos, e escreveu na seção especial “O Globo Rock in Rio” no último dia do evento:

Este foi um festival para se aprender a ficar juntos e a comungar, tanto das semelhanças quanto das diferenças. Aqui estavam todos os bairros, muitas cidades e alguns países. Aqui estavam os casais e os sozinhos, os adolescentes e os mais de 30, os metaleiros e os niu-uêivers [sic]. Aqui estavam os individualistas e os comunitários, os diferentes times de futebol, as diferentes colorações de pele... Quem viveu sabe que valeu.⁴⁶

E como valeu. O saldo foi bem positivo. E os artistas, mesmo enfrentando certa hostilidade por parte dos gringos e do público, já reconheciam a importância do festival para eles mesmos antes mesmo do evento acabar. Uma matéria do Jornal do Brasil de 21 de janeiro de 1985 (um dia depois do fim do festival), já mostrava a perspectiva dos artistas brasileiros:

Vários artistas que participaram do Rock in Rio previram ontem nos bastidores que, após o festival, muita coisa vai mudar na música brasileira. Gilberto Gil avisou que chegou a hora de se fazer uma avaliação crítica, e Evandro Mesquita, da Blitz, afirmou que ficou sedimentada uma nova corrente da nossa música. (...)

E Mesquita, ainda no seu camarim antes da Blitz esquentar o palco e a platéia, afirmava que, a partir do Rock in Rio, todas as mudanças se efetuariam normalmente.

- E tem muita coisa que vai mudar e não sei nem como. Só pisar no palco com os músicos estrangeiros foi muito rico. Sei que agora se sedimentou uma base nova na música – disse o líder da Blitz.⁴⁷

Depois do Rock in Rio, a música brasileira nunca mais seria a mesma. Que dirá o rock nacional. Deste ponto em diante, diversas bandas conseguiriam a oportunidade de gravar discos graças ao Rock in Rio. Sucessos ainda mais estrondosos surgiriam nas rádios, como o RPM, a Legião Urbana e o Ultraje a Rigor. E a qualidade técnica das apresentações aumentou enormemente. Jamari França fala sobre a importância do Rock in Rio para o Rock Brasil:

⁴⁶ BAHIANA, jan. 1985.

⁴⁷ Jornal do Brasil, jan. 1985.

Foi enorme para o rock daqui. Até então, estava todo mundo na euforia de descobrir o sucesso, de fazer um rock com cara do Brasil, mesmo com muitas imitações de bandas lá de fora. Aí, veio aquela mega estrutura profissional que não existia aqui e todo mundo acusou o golpe. A partir daí é que se começou a pensar em fazer um show com cenários, boa luz, bom som. Foi um primeiro impulso para a modernização do showbizz brasileiro.⁴⁸

Hoje, a infra-estrutura dos grandes shows brasileiros não deixa nada a dever em relação aos shows internacionais. A técnica de som brasileira é invejada no mundo inteiro, o que faz com que vários artistas estrangeiros venham gravar seus discos aqui no Brasil. Foi esta troca de experiências, possibilitada, em primeira instância, pelo Rock in Rio, que colocou o Brasil na rota de diversas turnês de artistas renomados internacionalmente e levou a nossa música para tentar o sucesso no exterior.

⁴⁸ FRANÇA, 16 maio 2006.

7 CONCLUSÃO

Conforme dito durante todo este estudo, a imprensa é fundamental para a consolidação de qualquer manifestação artística e/ou cultural. E neste caso, não foi diferente. O rock brasileiro dos anos 80 deve muito de seu sucesso ao apoio que obteve da mídia.

O papel do rádio na repercussão do mesmo já era conhecido. A rádio Fluminense FM foi a grande difusora deste movimento que estava surgindo, por meio da divulgação das músicas contidas nas fitas demo dos grupos. E a Cidade, sendo a rádio de maior audiência na época, ajudou a propagar a moda.

Na mídia impressa, a divulgação não foi tão facilitada. Conforme mostrado, muitos jornalistas eram veementemente contra o rock nacional, dizendo que este não era sequer música brasileira e que não merecia marcar aquela década. Muitas polêmicas foram geradas, muitas discussões ocorreram. Mas para o bem do “movimento”, muitos jornalistas apoiaram e fizeram coro às rádios, dando o espaço necessário para que a música fosse mostrada e os shows fossem divulgados.

O rock brasileiro dos anos 80 dificilmente teria “acontecido” se não fossem nomes como Ana Maria Bahiana e Jamari França. Jamari mesmo afirma:

[O papel da mídia impressa] foi de dar exposição a eles. Matéria em jornal influencia rádios e TVs, que tem alcance maior na divulgação de bandas. E na medida que pessoas de renome no meio como eu escrevem sobre determinada banda, isso chama atenção.⁴⁹

O jornalista Arthur Dapieve, que começou a escrever sobre música na segunda metade da década de 80, concorda com Jamari:

A mídia impressa teve um papel importante no rock brasileiro dos anos 80, sobretudo porque soube perceber de que lado o vento estava soprando e soube capturá-lo nas páginas. Havia críticos em pontos-chave da imprensa, críticos que estavam atentos ao surgimento de novas tendências na música do país. Mesmo quando eles não eram da

⁴⁹ FRANÇA, 16 maio 2006.

mesmíssima geração dos roqueiros, eles ouviram, curtiram e ajudaram a promover o novo rock brasileiro.⁵⁰

Os artistas, principais interessados nesta divulgação, fazem coro. Sérgio Abreu, do João Penca & Seus Miquinhos Amestrados afirma:

[A mídia impressa] foi a ponta do aríete que derrubou a velha ordem. No angu que se formou depois do boom da Blitz, a mídia impressa fazia a separação do joio e do trigo. Claro que não faltaram fofocas e intrigas. Mas quem conseguia fugir da fogueira das vaidades se divertiu bastante.⁵¹

Leandro Verdeal, do mesmo grupo, acrescenta:

A imprensa foi fundamental, saíam matérias toda hora e pela primeira vez conjuntos brasileiros davam notícia de jornal. Acho que os grupos brasileiros de rock dos anos 60 e 70 não tiveram essa moleza.⁵²

De fato, os tempos eram outros. A imprensa estava mais disposta a divulgar a música nacional e o que estava surgindo de novo. E a abertura para o rock como estilo musical brasileiro também estava maior. As pessoas estavam começando a aceitar a criatividade de nossos músicos para juntar diversos gêneros musicais e criar um estilo próprio. E nessa leva, entrou o rock brasileiro, que não deixava de ser uma grande mistura de diversos interesses e gostos particulares.

Certamente, ainda há muito para se desvendar sobre este assunto. É óbvio que o público escolhe o que quer consumir. Mas é fato que mais uma vez a imprensa provou o seu poder de acolher e divulgar ou deixar de lado o que lhe interessa. Não é à toa que o sonho de muitas pessoas hoje em dia é estar na mídia, não importa como. Por isso o surgimento constante de *reality shows*, grupos e gêneros musicais e tentativas de fabricação de ídolos. Mas isso já é assunto para outro trabalho.

⁵⁰ DAPIEVE, 2006.

⁵¹ ABREU, 2006.

⁵² VERDEAL, 2006.

REFERÊNCIAS

ABREU, Sérgio. Entrevista concedida exclusivamente para esta monografia em 16 de maio de 2006.

ALZER, Luis André e CLAUDINO, Mariana. **Almanaque Anos 80**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BAHIANA, Ana Maria. **Revista Pipoca Moderna**, janeiro/fevereiro 1982.

_____. O Globo Rock in Rio de 20 de janeiro de 1985.

BARROSO, Júlio. **Jornal do Disco**, fev. 81.

BIAGGIO, Jaime. Os dez dias que abalaram o Brasil. **Revista Showbizz**, São Paulo, jan. 2000, p. 22.

DAPIEVE, Arthur. **BRock: o rock brasileiro dos anos 80**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. Entrevista concedida exclusivamente para esta monografia em 5 de junho de 2006.

FIGUEIREDO, Alexandre. A volta por cima. **Observatório da Imprensa**, 6 dez. 2005. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=358JDB003>.

FRANÇA, Jamari. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 jan. 1983. Caderno B.

_____. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 dez. 1984. Caderno B.

_____. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 jan. 1985. Caderno B.

_____. **Os Paralamas do Sucesso: vamo batê lata**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

_____. Lulu Santos aporta o Canecão com síndrome de Popstar. Blog “Jam Sessions”, **Globo Online**, 26 maio 2006. Disponível em <http://oglobo.globo.com/online/blogs/jamari>.

_____. Entrevista concedida exclusivamente para esta monografia nos meses de maio e junho de 2006.

MANSUR, Fernando. **No ar, o sucesso da Cidade: a que pegou todo mundo de surpresa**. Rio de Janeiro: Ed. JB, 1984.

_____. **O Sucesso continua :Chamado as falas**. Rio de Janeiro, 1985.

MARCELO, Carlos. O céu era o limite. **Revista Showbizz**, São Paulo, março 2000, p. 50.

MEDEIROS, Paulo Ricardo. **Revista Pipoca Moderna**, novembro/dezembro 1982.

MESQUITA, Evandro. Entrevista concedida ao programa **Quarto Mundo**, do canal por assinatura *Multishow*, em 31 de maio de 2006.

MONTANARI, Valdir. **História da música : da idade da pedra a idade do rock**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

PENTEADO, Léa. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 13 jan. 1985.

PINTO, José Nêumane. O rock brasileiro é um produto artificial. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 out. 1983.

Revista CARAS EXTRA nº 14. **Pop Rock – A História**. São Paulo: Editora Caras, 1997. Fascículos 1 a 10.

RONDEAU, José Emílio. **Revista SomTrês**, dez. 1979.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VERDEAL, Leandro. Entrevista concedida exclusivamente para esta monografia em 24 de maio de 2006.